



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

A VIOLÊNCIA SEXUAL NO CASAMENTO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS

Glenda Portela Nunes Fróis
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: glendaportela@hotmail.com

Tânia Rocha Andrade Cunha
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: rochandrade@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é uma das violações aos Direitos Humanos mais aceitas em nossa sociedade. Por muito tempo essa violência foi por encoberta pela naturalização dos atos cometidos contra a mulher. Para compreendermos o mundo de hoje, no que se refere às mulheres, especialmente à violência contra elas perpetradas é crucial que façamos um resgate histórico.

Nos primórdios da humanidade a mulher era dotada de privilégios, vista como símbolo da criação, uma vez que a fertilidade e a fecundação eram características “exclusivamente” delas. Os homens não tinham consciência da sua participação nesse processo, no entanto, segundo Lins (2007, p. 14), “embora tudo indique que tivesse mais poder do que o homem, não havia submissão”. Quando o homem descobriu o seu papel na procriação, as relações foram transformadas, e o mesmo passou a cometer comportamentos autoritários, fazendo com que a figura feminina fosse subjugada, sua importância diminuída e então, “passaram a ser encaradas como objetos, tornaram-se mercadorias preciosas (...). O sexo feminino foi gradualmente sendo despojado do seu poder” (LINS, 2007, p. 20).

A sociedade patriarcal tem sua base centrada na figura masculina. Saffioti (2015, p. 47) pontua que o patriarcado “é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens”. Esse sistema fomenta a forma como os homens se dispõem na sociedade e como as mulheres são encaradas. Elas são atribuídas de vários jargões, estereótipos e desprezos pela sociedade.

É natural que, advindos de uma sociedade patriarcal, o tempo presente seja permeado por ideologias que são frutos desse período histórico. Algumas concepções tidas como primitivas, permeiam a mente da sociedade e fomentam



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

variados tipos de violência, fazendo com que, muitos desses atos dominantes sejam naturalizados e aceitos. É o que Elisa Celmer (2010, p. 74) reafirma, em se tratando da violência socialmente aceita, ao dizer que este fato “impregnou as identidades culturais de homens e mulheres de um grau elevado de tolerância para com tais manifestações de agressividade”. A autora reitera, ainda, que “essa aceitação sociocultural das violências contra a mulher foi tão bem alicerçada ao longo dos tempos que, até nos dias atuais, as mulheres vitimizadas possuem dificuldade de reconhecer as agressões sofridas como sendo violência” (CELMER, 2010, p. 75).

Quando estamos diante de um quadro de violência, estamos falando do exercício do poder de uma pessoa para impedir ou manipular a realização de algum desejo da vítima, ou mesmo, controlar a maneira de a pessoa se expressar conforme lhe aprouver. Segundo Rolo May (1972) “a violência ocorre quando uma pessoa não pode vivenciar de maneira normal as suas necessidades de poder” (p. 96).

A relação sexual, fundamental no convívio conjugal é um meio que permite ao homem promover essa afirmação de poder e domínio, forçando, muitas vezes, as suas mulheres a praticarem sexo contra suas vontades. Porém, qualquer forma de relação sexual que não leve em consideração o desejo da mulher é considerada violência, como obrigar a mulher a ter relação sexual que lhe cause desconforto ou repulsa. Muitas mulheres entendem que sexo no casamento é uma obrigação e acabam não denunciando, porém, as consequências são reais e diferenciadas em cada vítima.

Diante dessa estrutura de dominação masculina e dos resquícios de uma sociedade patriarcal, compreendemos a importância de pesquisar esta temática para uma maior conscientização e visando contribuir para modificar o pensamento conservador que ainda predomina em toda a sociedade. As consequências emocionais/psicológicas muitas vezes se tornam fatores definitivos na vida das vítimas, modificando sua visão acerca de si, do mundo e dos outros e, também, sua postura de enfrentamento diante da vida.

METODOLOGIA

O delineamento do presente trabalho é qualitativo de caráter investigativo. Por tratar-se de uma pesquisa com seres humanos, o projeto passou pelo Comitê de



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Ética em Pesquisa (CEP) e as participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, se necessário, um Termo de Autorização de Imagem e/ou Depoimentos.

Ao traçarmos os possíveis caminhos para testar, comprovar ou refutar nossas hipóteses consideramos de suma importância uma revisão bibliográfica. Esta tem nos permitido entender melhor o tema e suas variáveis. Após a leitura, o fichamento e a análise da bibliografia pesquisada teremos um direcionamento mais aprimorado do nosso recorte. Não queremos dizer com isto que temos uma metodologia fechada e invariável, o que propomos é possibilidade de alcançar o objetivo.

Essa pesquisa está sendo realizada no município de Vitória da Conquista – Bahia no Centro de Referência Albertina Vasconcelos (CRAV), no qual temos acesso ao banco de dados da instituição, bem como a oportunidade de contatar mulheres para a realização de entrevistas semiestruturadas visando identificar as consequências da violência sexual na vida dessas mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A autora Heleieth Saffioti raramente adota o conceito de violência como ruptura de integridade física, psicológica, sexual e moral. As concepções de violência, em geral diferem entre as mulheres. A situação que para uma pode ser considerada violência, para outra pode ser vista como um fenômeno natural. Nestes termos, a violência não encontra um lugar ontológico.

Sendo assim, é fácil notar que, em se tratando de uma violência “mascarada” por uma sociedade em que o homem é quem domina, muitas mulheres não reconhecem a violência sexual que ocorre em seus lares. Bourdieu (2012) discorre acerca dos princípios que fundamentam as estruturas sociais e cognitivas, para ele, esse pensamento só reafirma a ideia de que as mulheres acabam sendo formadas por uma sociedade que acredita e determina que a relação sexual no casamento seja obrigatoriedade de ambos. Portanto, não configura como violência propriamente dita a violência sexual que ocorre dentro do seu quarto ao se negar ter relações com o seu cônjuge seja por qual motivo for.

Retomando a ideia de Saffioti que explicita o fato de as mulheres não terem



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

um consenso quando se trata da violência que sofrem, existe algo que independe do reconhecimento da vítima: as consequências no corpo físico e na saúde mental da mulher. Segundo Jacobucci e Cabral (2004, p. 215),

As mulheres que relatam ter sofrido violência doméstica apresentam formas combinadas de agressões físicas, como nódoas negras, fraturas, queimaduras, marcas de tentativas de estrangulamento, golpes provocados por instrumentos cortantes, etc, e de agressões psicológicas que retratam como sequelas medo, isolamento afetivo, dependência emocional, sentimentos de culpabilidade e quadros depressivos.

O uso de alguns instrumentos na pesquisa das supramencionadas autoras permitiu que fosse constatado que “as mulheres agredidas e que permanecem no vínculo conjugal são mais propensas à depressão exprimindo sentimentos de solidão, tristeza, desamparo, descrença, irritação, baixa autoestima e baixa autoconfiança, que podem caracterizar sintomas distímicos” (JACOBUCCI; CABRAL, 2004, p. 215).

A nossa pesquisa ainda encontra-se em andamento com a realização das entrevistas semiestruturadas, já foram realizadas 5 até o momento, que nos permitirão identificar as implicações da violência sexual na vida de uma mulher, mas, de antemão, já pudemos observar que as consequências físicas e psicológicas são reais e trazem prejuízos profundos para a vida dessas mulheres. Mesmo que o tempo tenha passado e que elas já tenham se permitido viver outras histórias afetivas, as marcas da violência permanecem através do medo, receio, insegurança e julgamento acerca das suas escolhas passadas.

CONCLUSÕES

Falar sobre a violência contra as mulheres é dar conta de fatos e situações vinculadas à condição feminina. A falta de direitos econômicos, sociais, políticos e culturais transforma as mulheres em seres de segunda categoria, dependentes e vulneráveis frente aos homens. Esse tipo de violência é um problema de saúde pública que abala a integridade corporal e o estado psíquico e emocional da mulher, além de comprometer seu sentimento de segurança (CUNHA, 2007).

O poder do homem sobre a mulher e os filhos e, ainda, o caráter sagrado que



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

reveste a família, impedem as pessoas de denunciar as violências que ocorrem no âmbito familiar e a violência doméstica, praticadas em todas as sociedades. É a própria mulher que, muitas vezes, costuma justificar a agressão praticada pelo marido, alegando ser a bebida alcoólica a causadora ou, ainda, o estresse provocado por tensões ocasionais (SAFFIOTI, 1997). Nota-se aqui que a formação social penetra fortemente na mente de homens e de mulheres.

As mulheres que procuram os centros de saúde apresentam diversos problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão, disfunções sexuais, transtornos de alimentação, comportamento sexual de alto risco, comportamentos compulsivos, problemas múltiplos de personalidade, entre outros, que, muitas vezes, sequer chegam a ser identificados e, muito menos, relacionados com a situação de violência (MELO, 2001).

Para que esse quadro possa ser amenizado, é preciso que trabalhemos com as mulheres não apenas o que elas são e o que representam para o mundo, mas, principalmente, que sensibilizemos os homens para as violências cometidas.

PALAVRAS-CHAVE: Direitos Humanos; Violência Contra a Mulher; Violência Sexual.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: 11ª Ed. Bertrand Brasil, 2012.

CELMER, Elisa Girotti. Violências contra a mulher baseada no gênero, ou a tentativa de nomear o inominável. In: ALMEIDA, M. da G. B. A violência na sociedade contemporânea. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. O preço do silêncio: mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista: Ed Uesb, 2007.

JACOBUCCI, P. G. CABRAL, M. A. A. Depressão e traços de personalidade em mulheres vítimas de violência doméstica. Rev. Bras. Psiquiatr. vol.26 no.3 São Paulo Sept. 2004.

LINS, Regina Navarro. A cama na varanda: Arejando nossas idéias a respeito do amor e sexo: novas tendências. Editora: Revisada e Ampliada. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

MAY, Rollo. *Poder e inocência: uma análise das fontes da violência*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1972.

MELO, Mônica de. *Violência Psicológica contra a mulher*. São Paulo, 2001.

SAFFIOTI, H. I. B. *Violência de Gênero – lugar da práxis na construção da subjetividade*. Lutas Sociais, nº 2, PUC/SP, 1997.

_____. *Gênero, patriarcado, violência*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO